



**Pró-Reitoria de Graduação
Escola de Saúde
Curso de Psicologia
Projeto de Pesquisa**

**Tons de violência e cinzas do patriarcado: uma análise da
obra *Cinquenta Tons de Cinza***

Marcela Basili Amoroso UC12005977

Orientadora: Prof^a. MSc^a. Flávia Timm

Co-Orientadora: Prof^a Dr^aa Ondina Pena Pereira

**Brasília - DF
2016**

MARCELA BASILI AMOROSO

**Tons de violência e cinzas do patriarcado: uma
análise da obra *Cinquenta Tons de Cinza***

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia na Universidade Católica de
Brasília, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^a MSc^a Flávia Bascünan Timm
Co-Orientadora: Prof^a Dr^aa Ondina Pena Pereira

BRASÍLIA

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Amoroso, Marcela

Tons de violência e cinzas do patriarcado: uma análise da obra *Cinquenta Tons de Cinza* – Brasília, 2016.

48.

Orientadora: Prof^a MSc^a Flávia Bascūnan Timm.
Co-Orientadora: Prof^a Dr^aa Ondina Pena Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Católica de Brasília

1. Amor romântico; 2. Feminismo; 3. Violência de gênero; 4. Cultura patriarcal.

Monografia de autoria de Marcela Basili Amoroso, intitulada **Tons de violência e cinzas do patriarcado: uma análise da obra Cinquenta Tons de Cinza**, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Psicólogo da Universidade Católica de Brasília, em 23 de novembro de 2016, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Profª MScª Flávia Bascünan Timm
Orientadora
Psicologia – UCB

Profª Drª Luciana da Silva Santos
Banca Examinadora
Psicologia – UCB

Dedico este trabalho a todas as mulheres que assim como eu tem se desconstruído e reconstruído diante de novos olhares sobre a cultura e os padrões que nos foram ensinados durante uma vida inteira.

AGRADECIMENTOS

Finalmente chegou o dia, o dia que eu me torno verdadeiramente uma psicóloga formada. A gratidão é eterna e sincera a todos os pequenos ladrilhos que trilharam cada passo que dei.

Eu sou grata as/aos minhas/meus professoras/os, as/os mestres que estiveram presentes nesse processo tão longo e bonito da minha formação. Aqueles que passaram todos os conhecimentos que tinham da melhor forma possível, possibilitando que hoje eu me torne uma psicóloga ética e no caminho da excelência.

Sou grata à minha orientadora Flávia Timm, por ter disponibilizado seu tempo e seus esforços ao me auxiliar nesse processo de escrita e produção árduas.

Sou grata a minha mãe e meu pai, pelo apoio e amor que tem comigo, aos momentos de surto que aguentaram e por terem participado tão espetacularmente do meu crescimento. Sem eles hoje eu não teria chegado até aqui.

Sou grata ao meu companheiro, namorado e amigo, que esteve comigo em todos os momentos em que eu tinha vontade de sair do caminho que trilhava, ele que participou de todo esse longo caminho de 5 (cinco) anos de graduação e que me apoiou e me deu força para chegar até aqui.

Por fim, sou grata ao universo, por ser tão bondoso e me ensinar a caminhar, um passinho de cada vez, aprendendo com cada dificuldade e ensinamento colocado no meu caminho.

Gratidão à esta etapa e mais uma realização de um sonho em minha vida.

RESUMO

AMOROSO, Marcela Basili. **Tons de violência e cinzas do patriarcado: uma análise da obra Cinquenta Tons de Cinza.** Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Psicologia. Universidade Católica de Brasília, 2016.

Este trabalho constitui-se em uma análise qualitativa do livro *Cinquenta Tons de Cinza*, realizada através de uma hermenêutica da história à luz da teoria da psicologia feminista. O objetivo foi entender a influência da literatura romântica - em especial a trilogia de livros *Cinquenta Tons de Cinza* - na naturalização da violência de gênero e perpetuação dos papéis sociais patriarcais por meio da mercantilização da ideia de amor, na medida em que tais fenômenos estão presentes na formação da subjetividade das mulheres. A motivação partiu, além de questões pessoais, de uma necessidade de desconstruir essa ideia de amor e relação amorosa criada pela história narrada em *Cinquenta Tons de Cinza* e confirmada nas falas de leitoras com as quais tive contato informal. Além de ser uma forma de adentrar o campo pouco valorizado de produções científicas escritas por mulheres e para mulheres. As análises realizadas durante este trabalho permitiram a construção de reflexões importantes sobre a temática, de forma que se tornou possível compreender a estrutura da violência de gênero e a forma pela qual ela está instituída e legitimada em nossa cultura. O estudo da sociedade patriarcal e do capitalismo são fundamentais nesse processo, pois evidenciam o efeito da história nos processos de subjetivação. O machismo, o sexismo e o consumo são efeitos históricos, e que, quando não lidos criticamente, reforçam os estereótipos e contribuem para sofisticados processos de alienação, seja no âmbito afetivo, financeiro ou social.

Palavras-chave: 1. Amor romântico; 2. Feminismo; 3. Violência de gênero; 4. Cultura patriarcal.

ABSTRACT

AMOROSO, Marcela Basili. **Shades of violence and ashes of patriarchy: an analysis of the work Fifty Shades Of Gray**. Psychology Graduation. Catholic University of Brasília, 2016.

This work constitutes a qualitative analysis of the book *Fifty Shades of Gray*, performed through a hermeneutic of history in the light of the theory of feminist psychology. The objective was to understand the influence of romantic literature - especially the trilogy of books: *Fifty Shades of Gray* - the naturalization of gender violence and the perpetuation of social roles patriarchy through the commercialization of the idea of love, to the extent that such phenomena are present in the formation of the subjectivity of women. The motivation left, in addition to personal issues, and a need to deconstruct the idea of love and loving relationship created by the history narrated in *Fifty Shades of Gray* and confirmed in the statements of readers with whom I have had informal contact. In addition to being a way of entering the field underestimated of scientific productions written by women and for women. The analyzes conducted during this study allowed the construction of important reflections on the theme, so that it became possible to understand the structure of gender violence and the manner in which he is established and legitimized in our culture. The study of patriarchal society and capitalism are fundamental in this process, since the end of history in the processes of subjectivation. The chauvinism, sexism and consumption are historical effects, and that, when not read critically, reinforce stereotypes and contribute to sophisticated processes of alienation, either within affective, financial or social.

Key Words: 1. Romantic love; 2. Feminism; 3. Gender violence; 4. Patriarchal culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. EPISTEMOLOGIA FEMINISTA: RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA FEMINISTA E O OBJETO DE ESTUDO.	13
3. O IDEAL DE AMOR, A LITERATURA ROMÂNTICA E AS QUESTÕES DE GÊNERO. ...	19
4. CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS LIVROS	27
4.1 - PRELÚDIO À ANÁLISE.....	27
4.2 - RESUMO DA HISTÓRIA.....	27
4.4 - ESTEREÓTIPOS E PAPEIS SOCIALMENTE CONSTRUÍDOS	41
4.5 - A METÁFORA DO CONTRATO E DA SUBMISSÃO	43
4.6 - VIOLÊNCIA E OPRESSÃO DE GÊNERO	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher não é um assunto deste século, muito menos um assunto que nunca tenha sido debatido e problematizado. Mesmo com inúmeras discussões e trabalhos realizados sobre o tema, ainda existem muitos tabus e muitos pontos cegos quando se pensa na violência contra a mulher e a forma pela qual o ideal do amor influencia estas mulheres a entrarem em relações amorosas nas quais o ideal mais desliza do que realiza.

O presente trabalho de conclusão de curso constituiu em uma investigação sobre a relação entre a literatura romantizada e a expressão da violência de gênero naturalizada na vida cotidiana. A literatura pode ser uma das ferramentas que pode contribuir para a mercantilização do ideal de amor, contribuindo para a constituição de uma determinada subjetividade feminina, que dessa forma desempenhará papéis estereotipados nos relacionamentos.

Ao se pensar na cultura contemporânea, é perceptível como ainda existem muitas determinações culturais advindas do patriarcado e da religião, que naturalizam a forma pela qual homem e mulher se compreendem e se relacionam. Existem regras explícitas e implícitas que são ditadas pelas normas sociais que estabelecem os comportamentos masculinos e femininos, e tais comportamentos acabam sendo internalizados desde cedo pelas pessoas.

Este projeto tem como relevância acadêmica a busca por novos conhecimentos na área de violência de gênero, principalmente na compreensão da forma pela qual as pessoas se relacionam amorosamente, buscando perceber como as literaturas românticas contribuem para a manutenção da visão patriarcal da relação homem-mulher, além da formação enviesada da subjetividade feminina em relação ao que é o amor.

Muitos são os casos de violência de gênero e de sofrimento psíquico de mulheres que passam por situações de abuso, seja ele emocional, físico, moral, ou qualquer que seja, demonstrando, assim, a importância de um conhecimento teórico-metodológico com um aprofundamento mais amplo por parte dos profissionais da psicologia, independentemente da área de atuação, já que esta temática ultrapassa as demandas psicossociais e clínicas.

Estes conhecimentos possibilitam uma escuta mais qualificada do(a) psicólogo(a), principalmente por se tratar de uma temática recorrente nas demandas

que afetam as famílias brasileiras. O problema da violência é complexo e a qualificação da escuta é fundamental uma melhor instrumentalização de sua atuação.

Além disso, sou estudiosa do feminismo e da fenomenologia-existencial e desde o lançamento desta série de livros *Cinquenta Tons de Cinza* senti um grande incômodo com a forma pela qual esta história impactava e criava idealizações sobre relacionamentos amorosos perfeitos, além de reforçar uma ideia de amor que se enquadra nos códigos machistas.

A motivação partiu, além de questões pessoais, de uma necessidade de desconstruir essa ideia de amor e relação amorosa criada pela história narrada em *Cinquenta Tons de Cinza* e confirmada nas falas de leitoras com as quais tive contato informal.

Dessa maneira, segundo a minha visão da história, a ideia de amor e de relação amorosa teria uma influência na subjetivação de mulheres que é feita, em minha opinião, a partir de uma metáfora criada pela história, que contribui para uma manutenção da violência de gênero, da submissão feminina, do machismo, dos papéis sociais ditados para homens e mulheres, além da ideia de amor na qual a mulher se submete a qualquer coisa em busca da mudança do parceiro.

Pretendi, então, discutir como, em uma sociedade ainda muito enraizada no patriarcado e submetida a questões de gênero que colocam o homem sempre no lugar do detentor do poder, ou até mesmo do que “tem” o domínio das relações e das decisões, a literatura romântica pode ser um importante reflexo da produção desta lógica relacional. Uma questão que ecoa sobre esse fenômeno é se esta visão romanceada e estereotipada não estaria contribuindo para a naturalização da violência e perpetuação dos papéis de homem e de mulher através de uma construção do ideal de amor romântico? Uma hipótese a se investigar é a de que estas mulheres tanto podem perceber essas violências como tal ou, ao contrário, conceberem-na como forma de amor.

O objetivo geral foi analisar, tendo como base teórica o feminismo, a influência da literatura romântica - em especial a história da trilogia *Cinquenta Tons de Cinza* - na naturalização da violência de gênero e perpetuação dos papéis sociais patriarcais por meio da mercantilização da ideia de amor, na medida em que tais fenômenos estão presentes na formação da subjetividade das mulheres.

Também buscou analisar na série de livros *Cinquenta Tons de Cinza* de que maneira se naturaliza a violência de gênero como ideia de amor à luz da psicologia feminista. Investigar de que maneira a mercantilização da ideia de amor passada através dos livros contribui para naturalizar os papéis de gênero da cultura ocidental patriarcal. Buscar compreender as implicações da cultura patriarcal na naturalização da violência nas relações homem-mulher, observando a maneira pela qual se impõe uma forma de amar na constituição da subjetividade das mulheres.

A metodologia utilizada foi de uma pesquisa de caráter qualitativo, realizada através de uma hermenêutica da história da série de livros de romance “Cinquenta Tons de Cinza”. As questões levantadas buscaram compreender, à luz da teoria da Psicologia Feminista, as problematizações suscitadas.

A análise subjetiva utilizada foi uma hermenêutica, ou seja, uma interpretação, mas que pode ser entendida também pela “arte de compreender o discurso do outro (...) ou a arte de compreender e interpretar” SCHLEIERMACHER (2005, apud, RUEDELL, 2012, p. 3).

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram os livros da trilogia “Cinquenta Tons de Cinza” da autora E. L. James. O procedimento inicial constituiu-se na leitura dessa trilogia, procurando compreender a relação do casal protagonista, além dos fatores mais relevantes para que os objetivos sejam contemplados.

Após a leitura, foi feita a interpretação através da discussão, problematização e argumentação dos elementos da série, com o auxílio da psicologia feminista e que resultou em quatro categorias de discussão e análise do livro: Ideal do amor: gênero e mercadoria, estereótipos e papéis socialmente construídos, a metáfora do contrato, da submissão e violência e opressão de gênero.

2. EPISTEMOLOGIA FEMINISTA: RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA FEMINISTA E O OBJETO DE ESTUDO.

O feminismo tem trazido à tona as questões de gênero, violência e opressão durante grande parte de nossa história, sendo responsável por muitas problematizações e críticas à maneira pela qual a nossa sociedade e a cultura tratam as mulheres e as outras minorias sociais.

A psicologia feminista, segundo Neves & Nogueira (2003), começa a dar visibilidade às questões do feminino para que haja uma percepção das questões de gênero e a compreensão sobre as mulheres, assim como o lugar e os papéis que a cultura lhes atribui.

Esses papéis são construídos e contribuem para os processos de subjetivação dessas mulheres ao longo de sua história, e estes acabam naturalizando-se.

Podemos então pensar que, segundo Stolcke (1993) apud Mayorga (2014), a

naturalização subterfúgio ideológico que tem como finalidade reconciliar o irreconciliável: **a ilusão de que todos os seres humanos, livres e iguais por nascimento, gozam de igualdade de oportunidades**, com a desigualdade socioeconômica realmente existente, pelo interesse de quem se beneficia desta última. Essa *naturalização* ideológica da condição social tem um papel central na reprodução da sociedade de classes e explica o significado especial que se atribui às diferenças sexuais. (STOLCKE, 1993, p. 295, apud; MAYORGA, 2014, p. 232; grifo meu).

Dessa forma, podemos fazer um paralelo entre o amor romântico e idealizado e a opressão de gênero. Os relacionamentos amorosos têm como ingrediente principal o amor, elemento muito presente em nossa cultura ocidental e religiosa.

A idealização desse amor está muito presente em nossa cultura, como já citado anteriormente. Pensamos então, o que leva o amor a se aproximar da opressão? A autora Mayorga (2014), discute que:

A opressão se estabelece e afeta mulheres, negros e negras, gays e lésbicas, imigrantes, minorias étnicas através de sistemas distintos e inter-relacionados de poder, o que exige uma ampliação de nossas leituras acerca dos elementos psicossociais da opressão e dominação e também da emancipação. (MAYORGA, 2014, p. 225).

Ou seja, quando pensamos no relacionamento amoroso, e em relações abusivas típicas da cultura patriarcal sexista, em que a mulher se submete ao homem, acreditando que esse é o papel que ela deve desempenhar, podemos aproximar o amor da opressão. Isso se daria pelo fato de a mulher, em prol desse amor, tudo suportar.

Pensando sobre esse amor que tudo suporta, podemos nos apoiar nas problematizações de Swain (2016) ao discorrer sobre dispositivos amorosos e a subjetivação feminina, mostrando como a subjetivação feminina perpassa por esse atravessamento dos dispositivos amorosos. Esse dispositivo amoroso é segundo ela:

composto de traços enunciados enquanto femininos, valores morais específicos: o dom de si, a abnegação, o cuidado de outrem, o amor, a realização amorosa como coroamento de uma existência. O processo de subjetivação, portanto, não se faz em busca de si, mas do outro, em um quadro histórico, que lhe dá significação. (Swain, 2016, p.12).

A subjetivação feminina se dá então, ainda segundo a autora, por um processo de “construção de si” e que nos concerne a capacidade de compreender as formas de “sujeição coercitivas no social”, que se apresentam na autoimagem, na auto representação e na forma pela qual nos percebemos e percebemos o outro.

Após compreender esses atravessamentos dos dispositivos amorosos e a subjetivação feminina podemos retomar a Freire (1970) apud Mayorga (2014), e compreender que a percepção da opressão é deturpada, pois o oprimido interioriza os valores, ideias, interesses e necessidades do opressor. A condição de subalternidade naturalizada nesse processo de internalização dos valores hegemônicos na consciência confunde o próprio desejo com o desejo do opressor. Percebe-se, então, que existe uma dificuldade em se identificar a opressão, principalmente por esta ser, muitas vezes, confundida ou interpretada como forma de amor e cuidado. Existe uma hierarquização do poder que é subordinado ao homem, e o papel da submissão que é delegado à mulher na relação, isso leva a figura masculina, principalmente em relações abusivas, ao lugar em que assume o posto do poder.

Discutida a opressão, é importante discutir o conceito da dominação, visto que uma dominação é uma forma de opressão. A dominação, segundo Apfelbaum (2009), age de forma a ditar limites, uma sujeição e servidão por parte do sujeito que se submete a tal dominação. Esse sujeito que é submetido abdica assim de seus

direitos e passa a ser controlado. O que mantém a dominação de pé é a assimetria estrutural envolvida, pois esta se torna ao mesmo tempo o alicerce e um efeito da dominação.

Pensando sobre o poder, falado anteriormente, devemos ter cuidado para não confundir poder puramente dito e dominação, pois o uso do “termo ‘relação de poder’ no lugar de ‘relação de dominação’ faz desta uma relação de força suscetível de ser invertida” (APFELBAUM, 2009, p. 78), e, principalmente em relações hierárquicas de dominação do homem sobre a mulher, essa inversão não é possível.

A dominação do homem em relação à mulher está intimamente ligada às nossas construções estruturais da cultura, e segundo ainda, Apfelbaum (2009), essa dominação representa a forma pela qual, homens e mulheres, se constituíram estruturalmente na sociedade através da influência da cultura. Portanto, está ligada a identidade pessoal e a subjetividade de cada indivíduo, mas não somente a estas, pois é influenciado todo o tempo pela relação de dominação e de gênero.

Essa relação com o gênero nos remete ao pensamento de Lauretis (1987) ao falar do “sistema de sexo-gênero”. A autora evoca o questionamento de que a cultura do masculino e do feminino são ao mesmo tempo complementares e excludentes, o que quer dizer que existe uma construção de um “sistema de gênero, sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo com categorias sociais de acordo com os valores e hierarquias sociais” (p. 211). É a partir daí que surgem os processos de hierarquização e assimetria.

Podemos problematizar, ainda, retomando o pensamento de Apfelbaum (2009) que pode existir uma crença cultural que atribui a responsabilidade de tal sofrimento às mulheres, acreditando que a dominação só ocorre por permissividade consciente delas. Mas há que se considerar “o consentimento das dominadas à visão masculina das relações entre sexos, mais do que a violência sofrida imposta pelos homens, o componente decisivo da dominação” GOLDELIER (1978 apud; APFELBAUM, 2009;), principalmente porque, segundo Apfelbaum (2009), na dominação, supõe-se uma relação simétrica, entre pessoas hierarquicamente iguais, o que causa então uma sensação de que a dominada teve uma liberdade de escolha consciente e livre de fatores sociais e culturais internalizados.

Portando, a fim de ampliar as discussões e buscar formas de emancipar o pensamento feminino, a psicologia feminista tem buscado em seus estudos as possíveis maneiras de empoderamento das mulheres para que estas sejam capazes

de compreender a relação de poder, dominação e a opressão a que são submetidas. Ou seja, ela nos auxiliou a responder os questionamentos propostos neste trabalho, pois sua busca fundamental é por estudar as questões relacionadas à mulher e o cerne das discussões sobre gênero, sexismo, dominação de gênero, violência contra a mulher entre outros, como citado anteriormente.

Dessa forma, a psicologia feminista, juntamente com a luta feminista, segundo Saavedra (2010), foi um importante acontecimento para a visibilidade das mulheres e todas as questões relacionadas a nós, além de um início do olhar para a diferença dada entre homem e mulher, assim como os sofrimentos causados pela cultura e os papéis sociais.

Além disso, a psicologia feminista auxiliou na construção da análise sobre o ideal de amor e a violência de gênero, visto que são algumas das questões estudadas por autoras feministas, buscando destacar de que maneira estas questões causam sofrimento na vida de muitas mulheres.

Chegamos então no ponto da produção literária e científica, que durante nossa história esteve nas mãos do polo masculino. Dessa maneira, o olhar feminino sobre nossa história e todas as produções escritas eram feitas por homens, e quando, em sua minoria, havia uma tentativa de um olhar feminino verídico, esse se tornava muito contaminado pela maneira masculina de escrever e pensar.

Pouco se valorizava uma epistemologia feminista, ou seja, “um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico” (RAGO, 1998 p. 3), principalmente se tratando de “um projeto feminista de ciência” (RAGO, 1998 p. 3).

A autora Rago (1998), discute que o feminismo tem buscado produções críticas à medida que o conhecimento científico tem sido predominantemente produzido, propondo maneiras diferentes de se pensar essa produção, principalmente levando em consideração que mulheres carregam uma bagagem histórica e cultural diferente da bagagem masculina, sendo estas ligadas às margens. Fica clara a necessidade então da criação de uma linguagem nova e que sirva de contra o discurso na produção científica.

Sendo assim, ainda segundo Rago (1998), podemos dissertar um pouco mais a fundo sobre as críticas que o feminismo faz com o objetivo de buscar uma ciência alternativa e emancipatória. Elencando as principais questões apontadas pela autora, percebemos que estas críticas perpassam a denúncia do caráter

particularista, ideológico, racista e sexista do saber ocidental, saber este que limita a diferença, negando-a ou mascarando-a e causando profundo impacto no interior da identidade individual.

Ou seja, essa forma de saber ocidental age na tentativa de desqualificação do feminismo, criando uma Ciência Humana excludente, ditada por “formatações” e ideais como, por exemplo, um conceito universalizado de homem branco-heterossexual-civilizado-do-primeiro-mundo, que passa a excluir todas as pessoas que não se encaixam nessa fôrma. Mas, além disso, ainda há a hierarquização do masculino sobre o feminino, na forma de interiorização do sexo feminino.

Compreendida a nossa produção majoritariamente masculina e sua influência, podemos pensar, a partir disto, que a produção da subjetividade feminina nasce e cresce banhada por essa influência. A produção do amor e do seu ideal mercantilizado na literatura, muito tem a ver com essa produção ocidental que o feminismo tanto critica e vem tentando, dia a pós dia, contra-argumentar. Mesmo não sendo uma produção científica, a literatura acaba sendo uma produção ocidental de grande visibilidade e difusão, além de muito influenciada pelas produções científicas já muito contaminadas pelos ideais sexistas, excludentes e estereotipados.

Ao se pensar em amor romântico e essas produções literárias, podemos discutir aqui como esse amor vem difundido e contaminado. Esteban (2008) descreve um pouco desta visão do amor difundido de forma estereotipada e comum nas músicas, novelas e filmes. A forma que esse amor é personificado na relação idealizada entre homem e mulher, apresentando-se como melhor que qualquer outro, a forma mais genuína de amor.

A autora descreve que existe uma naturalização por parte da teoria científica que se esconde por trás destas produções e que, baseadas na biologia e na psicologia, tornam a visão sobre essa forma de se relacionar, normatizada e idealizada. A ordem social passa a seguir e internalizar determinados padrões de relacionamento é aí que chegamos até o ponto de interseção da subjetivação feminina.

Conforme o que Esteban (2008) relata, existe uma predisposição à criação da romanização que advém da construção do sujeito ocidental. A forma pela qual nossas emoções são construídas passa pela influência de um sistema de gênero, classe, etnia e sexualidade. Mais ainda, o amor entra na cultura do ser humano

como uma possibilidade de esquiva do individualismo e passa a ser tudo o que esse ser necessita para ser completo.

Portanto, o amor romântico passa a ser uma idealização construída com influências da produção científica e literária, e contribui na naturalização de formas estereotipadas de relacionar-se, causando, muitas vezes, um sofrimento psíquico por conta de funcionamentos estruturais e individuais diferentes da normatização ditada como a correta.

3. O IDEAL DE AMOR, A LITERATURA ROMÂNTICA E AS QUESTÕES DE GÊNERO.

A violência contra mulheres é um dos tipos de violência de gênero, e é um dado da realidade contemporânea que, mesmo depois de muitas mudanças na sociedade, permanecem e são reeditadas todos os dias, continuando a fazer muitas vítimas. Infelizmente, falar sobre violência contra mulheres na esfera familiar e doméstica continua sendo um tabu nas diversas classes sociais. É um assunto muito velado, e assim, as mulheres continuam sofrendo muitas vezes caladas e com medo.

Dessa maneira, a violência de gênero é, segundo Kronbauer (2005),

Conceituada como qualquer ato que resulta ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade em público ou na vida privada, assim como castigos, maus tratos, pornografia, agressão sexual e incesto (KRONBAUER, 2005, p.696).

Entretanto, pensar a violência de gênero sem conceituar gênero e problematizar de forma clara a maneira pela qual este conceito se constitui em uma sociedade tão intrincada com o patriarcado, não seria suficiente. Desta maneira, temos diversas autoras feministas que discorrem sobre gênero. Mas nesse trabalho explicitarei duas para essa discussão.

Lauretis (1987) discute gênero analisando-o de quatro formas, a primeira delas é o gênero como “termo classificatório” (p. 209), o que quer dizer que essa definição se dá como uma forma gramatical de se expressar, não se relacionando necessariamente ao sexo, mas também às características morfológicas.

A segunda definição que a autora aborda relaciona-se com a forma pela qual a palavra “gênero” é encontrada no dicionário, discutindo as diferenças das gramáticas e formas de interpretá-lo em diferentes línguas. Problematiza então gênero como uma “representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria” (LAURETIS, 1987, p. 210), o que remete a existência de um local de pertencimento para cada indivíduo, como uma posição dentro de uma classe. Essa concepção da autora alcança à diferenciação de sexo e gênero, o que significa que sexo é a condição natural, e gênero, por sua vez o “sistema simbólico” (p.211) ligado às representações culturais.

A terceira proposição de Lauretis (1987) relaciona-se com a “tecnologia de gênero e discursos institucionais” (p. 228), que seriam responsáveis por construir o conceito de gênero a partir da capacidade que estes possuiriam de influenciar, programar e agir como produtores de representações de gênero.

A quarta forma de enxergar gênero da autora seria uma (des) construção do gênero, o que significa construir novos olhares a partir da desconstrução dos olhares e discussões já suscitados. Seria um olhar para

“o gênero, como o real, e não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação”. (LAURETIS, 1987, p. 209).

Dessa forma, podemos lançar nosso olhar à outra autora que faz elucidaciones sobre esse conceito amplamente discutido. Scott (1995) constrói o conceito de gênero postulando que este é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 21), ou seja, o gênero gera invisivelmente os papéis sociais, ligados à cultura patriarcal, que são impostos aos homens e às mulheres.

Além disso, Scott (1995) ainda diz que, em se tratando de um elemento constitutivo das relações sociais que são fundadas em relação às diferenças que são colocadas entre os sexos, o gênero possuiria quatro elementos relacionais entre si e que os formam, sendo eles “os símbolos culturalmente disponíveis” (p.22) que evocam representações múltiplas, seja através de símbolos religiosos, sejam mulheres e homens famosos ou personagens fictícios que se tornam um exemplo de comportamento. Outro elemento seria o dos “conceitos normativos” que evidenciam as interpretações dos sentidos dos símbolos e limitam suas interpretações metafóricas, ou seja, são aquelas regras morais, culturais, religiosas, científicas, políticas, que ditam o que é masculino e feminino.

Em terceiro lugar, ainda em Scott (1995), estaria a tentativa de estabelecimento de normas com “fixidade”, religiosas, políticas ou qualquer que sejam, mas que tentam ser a única que seja correto seguir. Seriam um bom exemplo as tentativas de algumas doutrinas religiosas e morais de restauração da forma

“tradicional” de agir, tentando, assim, manter os papéis prescritos hegemonicamente para a mulher na sociedade, tais como os de mãe, de esposa e de dona de casa.

E, por fim, a autora traz o quarto elemento, sendo ele a identidade subjetiva, que é responsável pela distribuição do poder. Mulheres se subjetivam com a crença de que são os homens que detêm desse poder e, desta maneira, acabam por permanecer em seu posto de não poder. Há uma legitimação do poder ao homem através dos fenômenos sociais.

Assim, ao pensar nas discussões sobre gênero postuladas por Lauretis e Scott que se aproximam e em alguns pontos se complementam, podemos compreender que as formas de agir, as legitimações e a fixidade de papéis se relacionam fortemente com a subjetivação de mulheres em relação ao seu lugar no mundo, uma vez que todas estas questões têm forte ranço da cultura e influem na forma de pensar e agir destas mulheres. Além de compreender que ainda precisamos nos desconstruir para reconstruirmos novos olhares, formas de viver e nos relacionar.

Ao compreender gênero, podemos então voltar o olhar à violência contra a mulher. A cultura patriarcal e a maneira pela qual se dá a internalização desta são fatores que contribuem para a perpetuação da violência e das agressões sofridas, sejam elas físicas, psicológicas, morais ou quaisquer que sejam possibilitando que estas sejam mantidas.

Muitas mulheres nem pensam na violência como realmente sendo uma violência. Há uma idealização da forma como o homem a trata que faz com que confundam agressão com expressão de amor. Dessa maneira, percebe-se a forma pela qual estas mulheres internalizaram o discurso amoroso difundido na cultura, de forma a submeter-se àquilo que delas é esperado.

O amor seria algo “decantado, fotografado, filmado, entrevistado, falsificado, desvendado” (MORIN, 1997, p. 131). E ainda para o autor, este amor se retrataria como o tema central de uma felicidade moderna, seria o que ele chama de um arquétipo dominante da cultura de massas.

Pode-se pensar, a partir daí, na ideia de que o amor é colocado como um “bem maior a ser alcançado” e que, por este amor, tudo deve ser suportado para que se conquiste o final do conto de fadas que diz: “felizes para sempre”.

A indústria da literatura romântica é responsável pela criação do ideal de amor na subjetividade de mulheres. Morin (1997) discorre sobre isso quando fala

que o casal se torna na cinematurgia a peça chave e essencial do amor. O casal representa neste contexto a família, o casamento e o *happy ending*, produzindo um modo de vida colado à idealização, não sabendo lidar com os conflitos entre o que é ficção e a realidade.

Percebe-se essa relação até em filmes infantis de contos de fadas, em que, desde cedo, as meninas são “ensinadas” que o amor é tudo o que elas precisam, postulando que o príncipe encantado será o homem perfeito para elas e que as suas vidas girarão em torno desde amor, e que na ausência deste, tornar-se-iam incompletas e infelizes.

Isso fica claro quando Morin (1997) analisa que “é a partir das condutas amorosas dos filmes que os processos de identificação desembocam nos mimetismos” (p.136) o que reflete na subjetivação feminina, em relação à forma de amor idealizada e a criação imaginária de uma relação perfeita, relação essa que imita as histórias da literatura romântica.

Desta forma, observa-se que “a necessidade de amor experimentada no decorrer da vida encontra no filme seus modelos, seus guias, seus exemplos; estes passam a aparecer na vida e dão forma ao amor moderno” (MORIN, 1997, p.136 - 137). Ou seja, desde cedo, estamos submetidos (as) a uma mercantilização do amor através de romances que acabam perpetuando a cultura que reforça a ideia de que a mulher só será feliz quando encontrar o amor e o casamento. Principalmente porque é por meio desse encontro que supostamente ela encontrará o homem protetor, provedor e pelo qual ela deve fazer tudo para se manter com ele. Essa lógica sustenta o imaginário social de que uma mulher sozinha ou solteira está disponível para as investidas sexuais masculinas, vulnerabilizando os corpos das mulheres aos assédios, estupros, etc.

Essa lógica engendra o medo e a insegurança, subjetivando processos de solidão, desamparo, entre outros dispositivos da falta, discursos que contribuem para uma vida despotencializada, que interfere na autoestima e na autoimagem, impedindo de projetar e construir uma carreira profissional, por exemplo.

O maior incentivo é para que as mulheres optem por permanecer no ambiente doméstico, no mundo privado, para educar as/os filhas/os e ser prestativa ao marido. Isso parece produzir implicações que as obrigam a permanecer em relações abusivas e despotencializantes. Importante ressaltar que essa é uma realidade para as mulheres brancas, pois as mulheres negras vivem outra realidade

socioeconômica como sustenta as problematizações feitas por Pacheco (2006) ao falar sobre como existe uma preferência por relacionamentos com mulheres brancas, o que leva a discussão de que mulheres negras são mais solitárias e podem acabar se submetendo a relações abusivas, também, pela dificuldade em se relacionar. Muitas mulheres negras, se quer, têm uma casa para morar e cuidar.¹

Neste ponto, compreende-se a permanência de muitas mulheres na relação violenta, algumas por verem suas possibilidades de ruptura ameaçadas por questões de ordem financeira.

Segundo Pereira (2015),

Não ter se preparado para o mercado de trabalho, ter-se dedicado à procura doméstica, à educação dos filhos e estar, sentindo-se incapaz de dar conta de sua vida sozinha, são os motivos que ela consegue ver que a fazem permanecer em uma relação violenta (PEREIRA, 2015, p.31).

Partimos, então, para o ponto da construção histórica ocidental da relação amorosa entre homem e mulher, que teve seu início pela construção do casamento, da monogamia e a das relações heteronormativas. A autora Del Priore (2007), discorre sobre este histórico do casamento religioso que foi sacramentado em 1439, essas normas surgiram através de grandes figuras de autoridade, como reis, e foram atingindo cada vez mais classes sociais diversificadas.

Esses costumes foram capturados e modificados pela religião, mas o amor, nessa época, idade média no ocidente, ainda não era tão personificado nos matrimônios, se constituíam muito mais como sacramentos e laços de interesses familiares da época. O amor era presente nas relações extraconjugais.

Ainda segundo a autora, uma mudança ocorre durante a Idade Moderna, quando começou a se perceber uma necessidade de que o contrato matrimonial tivesse alguns itens acrescentados a ele, sendo estes a cerimônia, que deveria ocorrer diante de um padre e testemunhas; as promessas dos esposos; um dote dado ao marido como pagamento para se casar; o anel que representava o eterno e indissolúvel; dentre outros. Essa nova forma de matrimônio causava uma dualidade

¹ Este trecho trás uma problematização pessoal que construí através dos estudos que temos feito na pesquisa intitulada “Amor, Desejo como falta e subjetividade de consumo: desafios teóricos para uma vida sem violência” que “objetiva investigar o amor construído como objeto de consumo e as subjetividades amorosas tal como têm se constituído nessa sociedade (descrita e analisada por Baudrillard) com sua oferta ilimitada de objetos de desejo, entre os quais figura o amor.” (PEREIRA, 2014, p.5).

de amor, criando o amor dentro do casamento e fora do casamento, mas, além disso, nasciam neste momento algumas simbologias do amor romântico que foram trazidas para a atualidade.

Ou seja, criou-se o papel da esposa amada, mas que nunca deveria ser amada como uma amante. Havia uma moralidade envolvida e papéis sociais instaurados e criava-se a partir daí o “amor paixão” e o “amor contido”, sendo apresentadas as formas “pecadoras” de se relacionar e as formas moralmente aceitas.

A autora continua discorrendo sobre como essas formas de amor e casamento foram se entrelaçando cada vez mais com os papéis sociais a serem desempenhados pelos homens e mulheres. Tais papéis eram implantados desde a infância por dogmas sociais e religiosos, que pregavam uma mulher casta, submissa e obediente, que deveria servir ao marido, pois pertencia a ele legalmente. O rito de passagem era de uma filha que pertencia ao pai e após se casar passava a pertencer ao marido.

A autorização para qualquer atitude, desejo, ação da esposa, deveria ser dada por seu marido, principalmente se pensarmos que a maioria das mulheres nem tinha o direito de escolher o homem com quem iria se casar. Percebe-se então que havia uma hierarquia criada entre homens e mulheres, no qual o homem seria o detentor de todo o poder, incluindo os filhos.

Del Priore (2007) observa também a influência da literatura no amor. Após a ruptura do catolicismo e protestantismo, cada vez mais as formas literárias de ensinamento eram voltadas aos papéis a serem desempenhados até sexualmente pelas mulheres, mostrando moralmente aquilo que era pecado e que não deveria ser feito por uma esposa de respeito. Nota-se que as mulheres não tinham nomes nem identidade, elas eram constituídas como papéis sociais: de mãe, de esposa, de filha, sempre pertencente a alguém.

A autora remete-se ainda ao amor que toma uma conotação diferente dentro da literatura, e ele passa a ser real somente dentro dos padrões estabelecidos pelas histórias que pintavam esse amor como perigoso, excitante, mas que era ditado por um charme feminino proibido e que acabava de forma trágica, passando então a ser reconhecido somente dentro das histórias.

A construção do amor foi se dando cada vez mais como aprisionadora do sexo feminino, causadora de sofrimento e martírio. Os ensinamentos construíam uma figura feminina que não tinha valor, que era objeto. A mulher só adquiria valor quando se tornasse uma esposa e tivesse como dar herdeiros ao marido, mas não um valor real, era uma representação de valor utilidade; a dona de um útero para procriação, ou seja, as mulheres eram um “receptáculo, depositária da semente – até mesmo divina – as mulheres são útero antes de serem humanas” (SWAIN, 2016).

O sexo entre marido e mulher só era moralmente aceito para fim de procriação, mas o homem em seu papel social tinha as amantes que representavam o desejo e a satisfação. A mulher seria então reduzida ou a esposa submissa e dona de um útero, ou a amante socialmente isolada e abominada moralmente.

A mudança se deu “a partir de meados do século dezoito. A sociedade buscou aproximar duas formas de amor tradicionalmente opostas. Impôs-se certo ideal de casamento, lentamente aos esposos, obrigando-os a se amar como amantes” (DEL PRIORE, 2007, p. 132). O amor passou então a representar um laço matrimonial que não deveria ter espaço para poligâmias nem traições, principalmente por causa da moral religiosa que buscava a fidelidade, tornar-se-ia então um amor único.

Atualmente na cultura ocidental o amor é colocado como o pilar da relação entre homem e mulher, que mantém um casamento por amor. Mas existem muitos atravessamentos religiosos e culturais que foram construídos ao longo da história e que corroboram para normatização dos afetos.

Como dito anteriormente, nossa cultura ainda é muito afetada pelo patriarcado, pois por séculos houveram reproduções na forma de amar. As relações de poder não acabaram, continuam sendo aplicadas, muitas vezes de forma velada, nas relações, principalmente relacionadas à diferença dada aos sexos e seus papéis sociais.

Fica claro com Swain (2016),

um destino biológico continua a ser traçado para as mulheres: ao se enunciar a categoria *diferença*, ancorada no sexo biológico, receptáculo de valores e atribuições, confina-se as mulheres a seus hormônios e seus órgãos genitais. Capazes de procriar, esta possibilidade reduziu-as socialmente ao papel de mãe e numa ordem androcêntrica- poligâmica ou monogâmica - à profissão ou enclausuramento no papel de esposa.

Ou seja, as mulheres continuam dentro da história sendo encaixadas e normatizadas dentro de papéis sociais impostos, que em sua grande maioria, são camuflados pelo amor idealizado e a relação amorosa heterossexual. Aprendem desde a mais tenra idade que o amor heterossexual é natural e universal, e estes são os valores moralmente aceitáveis. A naturalização é feita de tal forma, que ofusca qualquer questionamento. Não há uma percepção sobre o fato de que “ao assumir a identidade ‘mulher’ estou, de fato, assinando o contrato sexual, heterossexual, assumindo a representação que marca minha inferioridade social.” (SWAIN, 2016, p. 3).

Ainda pela autora, ela delega tudo isso a um conceito denominado *pensée straight* que descreve como um agrupamento de pensamentos históricos em que conceitos criam realidades e permitem uma vivencia em repetição dessa realidade como sendo fundadora do humano. Torna-se então, diante disso, extremamente exaustivo e difícil desconstruir ou desnaturalizar o que é ditado como natural, além de tentar trazer à consciência os mecanismos históricos, simbólicos, materiais, imaginários que tornam tal realidade e relações sociais como as conhecemos e aprendemos. Acabamos nos tornando reprodutores da cultura hegemônica vigente, materializando a heterossexualidade compulsória, hierarquizada, e que coloca o masculino como ponto principal de referência.

Somos massacrados pela cultura da diferença dos sexos que criam hierarquias e assimetrias, e passamos a internalizar essa forma de funcionamento aplicando nas relações afetivas e amorosas, reproduzindo a história do amor ocidental construída. Segundo Swain (2016, p.5).

Esta instabilidade vai se fixando aos poucos, na domesticação do desejo, na disciplina da norma e do modelo a ser imitado. Os corpos tornam-se superfícies pré-discursivas como efeito do próprio discurso que os produz, instituindo-os na ordem do natural. O feminino, portanto, não é um gênero imposto a corpos pré-existentes, cujas variações apenas exprimem as roupagens culturais e históricas; o gênero feminino cria, ao contrário, corpos adequados às limitações deste gênero.

Portanto, ao pensarmos que essas hierarquias e assimetrias são veiculadas por diferentes meios, como na literatura, por exemplo, e objeto desta investigação, cabe-nos, no campo da Psicologia, compreender os efeitos de subjetivação desse processo.

4. CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS LIVROS

4.1 - PRELÚDIO À ANÁLISE

Os objetivos da análise da história da série *Cinquenta Tons de Cinza* que foi lido à luz da teoria da psicologia feminista neste trabalho, distancia-se das teorizações sobre sadismo e masoquismo dos personagens centrais da obra, que se trata de uma das formas possíveis de interpretação no campo da Psicologia. O objetivo, pois, está ligado ao romance idealizado e experimentado pela relação dos dois personagens principais da obra: *Anastácia* e *Christian*. A análise que aqui retrato busca perceber a forma como a relação se constitui e de que maneira proporciona a quem lê uma visão estereotipada de amor, que acaba contribuindo para a naturalização de uma forma de funcionamento relacional abusiva e para processos de subjetivação.

4.2 - RESUMO DA HISTÓRIA

A história se dá entre dois personagens principais: *Anastasia* e *Christian*. A personagem *Anastasia* apresenta características emocionais de insegurança, rebaixamento da autoestima, e também uma expressão de melancolia em relação a si desde o início do livro, o que pode ser identificado na fala:

(Pensamento de Anastasia) “Encaro a mim mesma no espelho, **frustrada** [...] Reviro os olhos, exasperada, e fito a **garota pálida de cabelo castanho e olhos azuis grandes demais para o rosto** [...]”. (*Cinquenta Tons de Cinza*, 2012, p. 7)

Ao se encontrar pela primeira vez com o personagem *Christian*, um magnata, cena na qual *Anastasia* vai fazer um favor para amiga Kate - que mora com ela – indo ao encontro de *Christian* para entrevista-lo, ao chegar á entrevista ela tropeça e “cai diante de seus pés” literalmente no escritório. A cena já evoca uma tensão. Mas é durante a entrevista que o personagem *Christian* já expõe seus traços de controle e arrogância, mas que causam na personagem ao mesmo tempo estranhamento e desejo, como percebemos nas falas e pensamentos durante a entrevista:

(Pensamento de Anastasia) Isso não está na lista de Kate, mas ele **é muito arrogante** [...]",

Anastasia: **O senhor fala como um maníaco por controle** – As palavras saem de minha boca antes que eu possa impedi-las [...]

Christian: **Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele** – diz ele sem nenhum vestígio de humor no sorriso".

Anastasia: Quantos anos tinha quando foi adotado? [...]

Christian: Isso é assunto de domínio público, Srta. Steele. – **Seu tom é severo** [...]" (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 13)

Mesmo com sua arrogância, todos os pensamentos da personagem se voltam para o encantamento pelo rapaz, como percebemos nos pensamentos dela:

Anastasia "Engulo a seco. A temperatura da sala está subindo, ou talvez seja só a minha. [...] Seu olhar é intenso, agora desprovido de humor, e meus músculos desconhecidos dentro da minha barriga de repente se contraem. [...] **Ele realmente é muito, muito bonito.** [...]" (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 15)

Fica explícita a ambivalência entre o desejo afetivo e o desconforto emocional, que se realizam pelo sentimento de atração pelo objeto desejado e a percepção de *Anastasia* da necessidade de controle presente na personalidade de *Christian*, que lhe causa o desconforto.

A relação dos personagens se inicia quando o personagem *Christian* descobre onde *Anastasia* trabalha e vai até a loja. Fica claro pelos pensamentos de *Anastasia* como ela se sente subjugada/submetida a ele e ao mesmo tempo apaixonada:

(Pensamento de Anastasia) "[...] Ergo a vista... e sou capturada pelo atrevido olhar cinzento de Christian Gray, que está parado no balcão, encarando-me atentamente [...] Parada Cardíaca. [...] **Droga. Que diabo ele está fazendo aqui** todo despenteado e esportivo [...] **Acho que meu queixo caiu, não consigo encontrar meu cérebro nem minha voz.** [...] **Meu coração dispara**, e, por alguma razão, enrubeço [...] Ele não é apenas bem-apeado: **é a síntese da beleza masculina**, de tirar o folego. [...] **Por que esse homem lindo, poderoso e bem-educado haveria de querer me ver?**" (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 25 – 26, grifo meu).

Ao abraçar um colega de trabalho na frente de *Christian* ela pensa:

(Pensamentos de Anastasia) “Seu tom é entrecortado e frio. **Droga, será que eu o ofendi? [...] Qual é o problema dele?**”, mas ao mesmo tempo pensa: “Antes de voltar ao planeta Terra, passo vários minutos **contemplando a porta por onde ele acabou de sair [...] Tudo bem – gosto dele.** Pronto. Confessei a mim mesma. Não posso mais fugir dos meus sentimentos. Nunca me senti assim antes. **Acho-o atraente, muito atraente. Mas isso não tem futuro, eu sei [...]**”(Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 31, grifo meu).

Outra cena da história que demonstra como o personagem *Christian* aprecia o controle, é quando *Anastácia* sai com os amigos e ingere álcool, então ela liga para *Christian*, que rastreia seu celular, e vai ao encontro dela. Ao chegar no local, ele a leva para o seu hotel e como a personagem estava vulnerável em decorrência do efeito do álcool, ela fica inconsciente. Ele troca sua roupa e dorme na mesma cama que ela para confundi-la sobre a hipótese de ter ocorrido uma relação sexual. Ao acordar, assustada, a personagem tenta entender o que aconteceu:

(Pensamento Anastasia) [...] **é a suíte de Christian Gray. Como vim parar aqui?**”, mas seus pensamentos começam a se direcionar ao que ela parece estar sentindo por ele: “**Por que ele é tão atraente?** Agora quero entrar naquele chuveiro com ele. **Nunca me senti assim em relação a ninguém. Meus hormônios estão enlouquecidos [...]** Desejo. Isso é Desejo” (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 64 - 66).

Os pensamentos de Anastasia sugerem que ela está apaixonada, tornando sua sensação única, como se aquela experiência fosse verdadeira, justificada, inclusive, por meio biologizante quando destaca o funcionamento dos hormônios. Além desses pensamentos, percebemos também a forma controladora de agir de *Christian*, que não ficou satisfeito com o comportamento de Anastasia por ter ingerido bebida alcoólica com amigos na noite anterior. É perceptível pela sua forma de falar durante essa cena:

Anastasia: Vai continuar me repreendendo?;
 Christian: **Você tem sorte por eu só estar repreendendo você [...]** Bem, **se fosse minha, você ficaria sem conseguir sentar depois do que aprontou ontem [...]** Odeio pensar no que poderia ter acontecido com você” (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 65).

A resposta de Christian marca o amor como posse, que está na ideia de “se você fosse minha”, mas também no poder de corrigir a mulher, dizendo que ela tem sorte de ser repreendida por ele, como se essa fosse uma manifestação de amor.

O controle também se estende às formas de vinculação do personagem com as mulheres. O personagem inicialmente está em busca de uma mulher que seja submissa a ele sexualmente, e que satisfaça seus desejos sexuais advindos da sua forma sádica de funcionamento. Para garantir a efetiva realização das suas fantasias sexuais, ele elabora um contrato, como se esse documento jurídico o libertasse de qualquer relação abusiva. No entanto, a questão é que o contrato que ele estabelece vai além do controle sexual. É um contrato que dita regras de vestimenta, de comportamento, de alimentação e de aparência física. Ou seja, para se relacionar com ele, a mulher precisa seguir as regras que ele propõe, não somente às relações sexuais.

A personagem *Anastácia* era virgem, o que gerou em *Christian* sentimentos de incredibilidade e a satisfação. Existe a valorização por parte dele do ideal da mulher casta e pura, e há também uma satisfação pessoal, por parte do personagem, pelo ideal dela poder ser “somente dele”.

Cristian apresenta o contrato para *Anastácia*, mas ela não assina por se perceber emocionalmente muito envolvida, por sentir medo e também por não concordar com tudo que o contrato estabelecia. No entanto, à revelia da assinatura, ela começa a seguir determinadas regras do contrato.

No enredo é visível que *Anastácia* se submete a alguns dos desejos de *Christian* pelo fato de se sentir enamorada por ele, como numa espécie de tentativa de conquista-lo. A maioria das ações às quais ela se submete não a agrada, mas ela faz para deixa-lo feliz, além de ser a única forma que ela encontrou para se relacionar com ele. Ela discutiu algumas cláusulas do contrato com ele, retirando coisas que ela não gostaria.

Um detalhe importante na história é que *Christian* tem uma condição socioeconômica bastante favorável, o que lhe confere algum tipo de poder para seduzir economicamente as mulheres. Ele a tratava como um objeto passivo, “submissa”, e prometia, em contrapartida, sustentá-la financeiramente. Alguns exemplos disso foram os presentes que ele lhe deu, como: livros raros de sua autora preferida, um carro novo e um notebook de última geração:

(Pensamento de Anastasia): **Carro, telefone, computador... roupas, a próxima coisa vai ser o raio de um apartamento [...]**, mas, para além desses, as cláusulas do contrato que diziam **“A Submissa só usará roupas aprovadas pelo Dominador. O Dominador fornecerá à Submissa um orçamento para o vestuário. [...] O Dominador fornecerá à submissa um *personal trainer* [...]”**, mas isso desde que ela seguisse todas as regras previstas por ele no contrato. **Também havia previsão em caso de desobediência, seguida de punição e castigos físicos.** (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 150 - 157).

Ao mesmo tempo em que apresentava um comportamento controlador, ele mostrava fragilidade emocional em relação a ela, pois não conseguia agir de forma impessoal e distanciada como planejara. Por mais que ele desejasse que ela assinasse o contrato, ele não conseguia manter uma relação de distanciamento ou neutralidade.

Essa parte da história pretende produzir uma ambiguidade no leitor/a, apresentando uma possibilidade do personagem, mesmo diante de suas fantasias sádicas, de se apaixonar, produzir vínculo e até mesmo de algum dia abdicar das suas necessidades sádicas e controladoras por causa do amor que passa a sentir.

A escritora apresenta - em parte da história - o sofrimento da personagem *Anastácia*, reiterando a posição estereotipada das mulheres que se apaixonam por supostos parceiros errados, e ainda, o investimento da personagem em capturar o seu objeto de desejo pela retórica amorosa, numa espécie de fantasia na qual o “amor tudo salva”. Seu desejo é que *Christian* se cure do sadismo em nome do amor. O sofrimento apresentado está relacionado com a dificuldade de *Anastácia* lidar com a falta de demonstração de afeto de *Christian*; e pela angústia de fundir-se a ele, serem um só, juntos, unidos, poder tocar-lhe, ou seja, estar apenas com ele.

O projeto de uma relação monogâmica se apresenta nessa parte da história como uma solução para o amor saudável. A ambiguidade do personagem *Christian* também se revela na cena em que *Anastasia* viaja para encontrar a mãe e ele vai atrás dela, aparecendo de surpresa, pois ela não havia explicado a ele o porquê da viagem.

A mudança na relação entre os dois ocorre quando *Anastasia* percebe que talvez não suportasse dar continuidade a um relacionamento nos moldes definidos pelo personagem *Christian*, sobretudo no que se referia às regras do contrato, e também por não representar na vida dele um nada além de uma “submissa”; e de não realizar atividades que ela idealizava serem típicas de um casal de namorados.

A situação que causa o rompimento se dá no momento em que eles estão no chamado “quarto de jogos”, local onde o personagem coleciona todos os objetos usados nas práticas sexuais e de punição. Durante uma das aplicações de punição, em que *Anastasia* solicita que ele faça uma das piores punições nela, buscando compreendê-lo e testar até que ponto aguentaria. Ela acaba acionando uma das palavras de “segurança”, palavra essa que fazia parte do contrato para àquelas situações nas quais a mulher não mais suportasse determinada ação.

Anastácia, então, decide mudar de posição, e para isso manifesta comportamentos diferentes de outrora, sai da casa de *Christian* e decide que não se relacionaria mais com ele, passando a não aceitar mais a forma de tratamento que ele lhe dava e nem a aceitar os padrões de relação impostos por ele. A personagem devolve todos os presentes que havia ganhado, corta todo tipo de comunicação com o personagem e decide que não se submeteria a ele.

Nessa parte do enredo se dá a transformação completa do personagem *Christian*. Ele percebe, a partir do sofrimento causado pelo rompimento, que *Anastasia* era mais importante do que seus desejos sexuais. Dessa forma, muda de comportamento, e passa a assumir o relacionamento publicamente e a conviver com ela como um casal.

A história da infância de *Christian* também desperta interesse, uma vez que a escritora cria uma atmosfera familiar disfuncional para o personagem “psicopatologizado”. Ele é filho de uma prostituta e sofria agressões do “cafetão” de sua mãe. Ele assistiu a morte da mãe, causada por uma overdose, e permaneceu com o corpo durante 4 dias. Após esse fato foi adotado pela família *Gray*. Aos 15 anos de idade foi aliciado por uma mulher, da qual se tornou, como ele mesmo diz, “submisso” sexual. O enredo sugere que essa história de vida se relaciona com o seu desejo sádico. Dessa forma, o personagem se constituiu como um homem controlador, que não conseguia se relacionar afetivamente e nem ser tocado por ninguém, além de sentir prazer em punir as mulheres submissas que o desobedecessem.

Anastasia passa a seguir regras diferentes das ditadas por *Christian* no contrato, pois após as “mudanças” de atitude de *Christian*, eles abandonam as regras antes sugeridas por ele no contrato. A personagem passa a seguir novas regras, confirmando o ideal romântico machista, tais como: não sai sozinha e não frequenta determinados locais, e quando precisa fazer o realiza somente

acompanhada pelos seguranças. Esses comportamentos de restrição se intensificam e são justificadas pelo personagem como forma de proteção. O argumento é de que há situações de riscos causadas por outros personagens.

Uma das atitudes que demonstra o controle de *Christian* sobre *Anastasia* é quando ele compra a empresa na qual ela é contratada. Isso causa certa insatisfação na personagem, mas ela acaba aceitando e acatando a vontade dele. Durante a história podemos perceber que em muitos momentos da relação entre os personagens ela cede às vontades dele, mesmo não se sentindo confortável.

Outra situação que exemplifica essa tensão e controle ocorre com o chefe da personagem, que a assediava, e *Christian*, por ser dono da empresa, descobriu por causa do acesso que tinha às contas de e-mail e conteúdos do computador dele, e também porque a vigiava. Mas o momento em que *Christian* realmente tomou consciência dessa situação foi quando ele foi busca-la na empresa e viu a cena do chefe de *Anastasia* a assediando, e ele respondeu com agressão física contra o “assediador”.

Outro episódio que gera tensão no casal foi o retorno de uma das mulheres com que *Christian* relacionou-se, uma antiga “submissa” de *Christian*. Essa personagem provoca diferentes situações de risco, o que gera em *Christian* a necessidade de contratar uma equipe de segurança, e estes são responsáveis por levar *Anastasia* para o trabalho e mantê-la sob permanente vigilância.

Nestas situações podemos verificar a infantilização da personagem *Anastasia*, uma vez que cria um perfil de mulher indefesa e de um homem protetor. No entanto, esse estereótipo naturalizado oculta a necessidade de controle de *Christian*, que justifica seu ato pelos acontecimentos.

Ao final da história, *Christian* pede *Anastácia* em casamento, e modifica seu comportamento sexual, passando, assim, a praticar somente as atividades sexuais que *Anastácia* concordasse. No entanto, o traço de personalidade controlador não desaparece, pelo contrário, é naturalizado como manifestação de prova de amor. Percebe-se essa naturalização pela maneira que a personagem começa a se referir “carinhosamente” sobre a pessoa de *Christian* quando os comportamentos controladores dele aparecem, chamando-o de “maníaco por controle”.

Christian continua monitorando as saídas dela com as amigas, e justifica seu comportamento como preocupação e proteção à sua segurança. Em uma cena específica da “lua de mel”, após ela fazer um “top less” na praia em que estavam,

ele usa a oportunidade de uma relação sexual, que ocorre após a cena do “top less”, para deixa-la toda marcada com manchas roxas, o que a impossibilitaria de colocar biquíni novamente. A ideia é marcar o corpo de tal forma que a impossibilitasse de expor o corpo novamente, pois a vergonha diante das manchas roxas a impediria. Essas manchas tinham a função de castigo por ela não o ter agradado.

Ao final da história *Anastasia* engravida e em decorrência deste acontecimento um conflito se instaura entre o casal por causa da gravidez indesejada por ele naquele momento, como percebemos na cena:

Anastasia: Estou grávida. [...]

Christian responde: “Como? (...) E a injeção? – **rosna ele** (...) Você esqueceu de tomar a injeção? (...) Meu Deus, Ana! – **Ele dá um soco na mesa, fazendo-me pular**, e se levanta tão bruscamente que quase derruba a cadeira – Você precisava se lembrar de uma coisa, uma única coisa. **Merda! Eu não acredito. Como é que você pôde ser tão idiota [...]**”

Anastasia responde: “Sinto muito. [...]

Christian continua: “**É por isso. É por isso que eu gosto de controle. Assim não acontece esse tipo de merda, pra foder com tudo. [...]**”.

Anastasia em pensamento: “Fico sozinha com o silêncio – o silêncio total e vazio da sala. Estremeço involuntariamente [...] Ele se afastou de mim. Merda! Sua reação foi muito pior do que eu jamais teria imaginado. [...]”(Cinquenta Tons de Liberdade, 2012, p. 396 - 398).

No entanto, a situação se reverte, e a justificativa de *Christian* é de que ele não se sentia suficientemente capaz de assumir o papel de pai por causa de sua infância.

A gravidez é levada adiante, mas ocorrem algumas intercorrências que colocam a vida do bebê em risco, pois a personagem sofre um atentado do ex chefe, que já estava sendo procurado pela polícia desde aquela cena em que *Christian* o confronta. Nesse atentado ele sequestra a cunhada de Anastasia e faz com que ela saque uma grande quantia de dinheiro para levar para ele, sob a pena de morte da cunhada. Quando ela o confronta, ele lhe chuta na barriga, o que causa um problema em sua gravidez. É nesse intervalo entre a vida e a morte do bebê e de *Anastasia*, que *Christian* aceita a gestação.

Cria-se, então, um final feliz que reflete o estereótipo da família realizada, na qual um homem transforma seus vícios impuros em amor adaptado à norma. *Christian* era um homem que não conseguia se relacionar e acaba se casando com uma mulher que lutou e suportou tudo, transformando-o através do amor.

O trecho a seguir evidencia essa articulação quando pensa:

Anastásia: “Desperto com um sobressalto. Fui acordada por um gritinho agudo de alegria do meu filho, e mesmo sem vê-lo ou a Christian, **sorriso como uma boba, de puro prazer**. Ted acordou do seu cochilo e agora está brincando com o pai aqui por perto. Fico deitada quieta, ainda admirada com a habilidade de Christian para brincadeiras. Sua paciência com Teddy é extraordinária – muito mais do que comigo. [...] Na verdade, porém, é assim que deve ser. E o meu lindo garotinho, tão querido pelos pais, não conhece o medo. **Christian, por outro lado, ainda é super protetor – tanto comigo quanto com o nosso filho**. Meu doce, instável e controlador Cinquenta Tons”. (Cinquenta Tons de Liberdade, 2012, p. 509)

4.3 - IDEAL DO AMOR: GÊNERO E MERCADORIA

A história de amor narrada pela autora do livro apresenta a relação entre um casal heterossexual, branco, ela de classe média e ele um burguês, donos dos modos de produção. Personagens marcados pelos discursos hegemônicos, como o de família, gênero e amor romântico.

A idealização do amor é visível em alguns acontecimentos da história, como quando há o rompimento entre os dois personagens e *Christian* percebe que não consegue viver sem *Anastásia* e que prefere deixar seus desejos do contrato de lado. Quando os dois voltam a se relacionar, ele “abdica” desse desejo em prol do amor que sente por ela, ou seja, sacrifica seus impulsos em defesa do amor romântico.

Christian diz à ela: “**Você me faz olhar para o mundo de forma diferente, Anastácia. Você não me quer pelo dinheiro, você me dá esperança.** [...]” (Cinquenta Tons mais Escuros, 2012, p. 101)

Outro momento em que se percebe essa idealização é quando ele, que nunca conseguira revelar sua história familiar, e nem mesmo permite-se ser tocado, autoriza a aproximação de *Anastasia*, mostrando a fragilidade por trás do controle. Além disso, consegue dizer que a ama. A idealização reside nessa naturalização da escolha do objeto de amor. Ao permitir que ela entre na vida dele, ele se transforma. E ela investe na possibilidade amorosa, insiste, desiste e reinveste quando Christian manifesta seu sacrifício. Anastasia reforça e afirma a possibilidade de Christian amar: “Você é muito fácil de amar. Você não enxerga isso? [...]”. Ela aposta na capacidade de mudança do objeto e busca, pela via psicológica, demonstrar que

existe um *Christian* desconhecido para ele mesmo. É sob o artifício de que existe algo encoberto que ela aposta na mudança de *Christian*. Ele retruca sempre dizendo que não enxerga sua possibilidade de amar e que não suporta ouvir tal mensagem. *Anastasia* insiste e afirma: “(...) **eu amo você** [...]”. Ela reforça a potência de *Christian* de amar, marcando sua escolha amorosa por ele.

Christian: “**Pare** (...) **Não posso ouvir isso. Não sou nada, Anastasia. Sou a casca de um homem.** Não tenho coração. [...]”

Anastasia: Você tem, sim. E eu o quero pra mim por inteiro. **Você é um homem bom, Christian** (...) **Olhe o que você fez por mim... O que você deixou pra trás, por mim. Eu sei. Eu sei o que você sente por mim. [...] Você me ama.** [...]

Christian: Sim... Amo. (Cinquenta Tons mais Escuros, 2012, p. 181).

Os estereótipos contribuem para a perpetuação da configuração hegemônica do amor romântico, no qual o ideal do amor tudo salva. Dessa forma, como na grande maioria dos romances, e nessa trilogia especificamente, a narrativa contribui para a reprodução desse modelo de amor e casal, o que difunde um discurso de naturalização dessas posições em todo corpo social.

O enredo apresenta dois personagens: um homem que procura uma mulher para transformar em seu objeto de satisfação, ou seja, que se adequa aos seus impulsos e desejos sexuais, logo, em submissa; e uma mulher que se apresenta psiquicamente frágil, pronta para ser conquistada.

Anastasia parece ser uma mulher tímida, submissa, com baixa autoconfiança, no entanto, suficientemente forte para enlaçar o seu objeto e triunfar em nome do amor, inclusive sobre qualquer adversidade, até mesmo sobre os traços de personalidade do amado.

O ideal de mulher doce e forte é lançado e reforçado, contribuindo para proliferação do imaginário social de que mulheres inteligentes sabem como capturar a atenção e o “coração” de um homem. A personagem foi artificialmente produzida, e contribui para o protótipo de mulher ideal, pois além de doce, está à espera do “homem certo”.

Uma mulher que resiste a indústria dos cosméticos e tecidos, investe na imagem da mulher doméstica que não se dedica a aparência, abrindo mão da vaidade. *Christian*, o personagem masculino, é viril, lança-se em busca do objeto desejado, é gestor de seus desejos e toma as próprias decisões, além disso, é

charmoso, elegante, seguro de si, e bem posicionado socioeconomicamente (milionário).

Remeto-me novamente, sustentando as afirmações acima, à autora Swain (2016, p.14-15) que coloca que o “dispositivo amoroso insere as mulheres nas dobras morais do feminino, seja através da violência material ou através de estratégias religiosas, científicas, do próprio senso comum onipresente”, além de colocar as mulheres nesse papel de abnegação, inferioridade e cuidado do outro. Voltamos aí a hierarquização de papéis e uma construção de amor idealizada no cuidado e sofrimento.

Novamente me deparo com questões de gênero e como estas se apresentam. Dessa forma, percebo como esse dispositivo amoroso discutido pela Swain (2016) muito se relaciona com os pensamentos sobre a “construção de gênero” de Lauretis (1987), que, segundo ela pode ocorrer, como descrito anteriormente, pela “tecnologia do gênero e discursos institucionais” que é exemplificada pelo cinema. Essa construção se dá através do poder que esses veículos teriam de controlar ou influenciar as significações individuais, ou seja, são capazes de “produzir, promover e ‘implementar’ representações de gênero.” (p. 228).

Pensando sobre como essas tecnologias e discursos institucionais auxiliam nessa construção, evoco o pensamento de Morin (1997) que fala de cinema e amor. A história de amor se aproxima das contribuições do autor ao falar da existência de um arquétipo de amor dominante na cultura de massas, demonstrando a existência de um modelo de amor “decantado, fotografado, filmado, entrevistado, falsificado, desvendado” (MORIN, 1997, p. 131).

Essa imagem que Morin (ibid) descreve do amor como um modelo, instala um protótipo, configurando, assim, a busca dos seres humanos a todo instante por uma relação forjada dentro dos padrões constituídos socialmente. Nesse caso percebemos os papéis que o autor apresenta e que são fotografados, filmados e falsificados na relação entre *Christian* e *Anastasia*, e que através de uma contemplação dos atravessamentos de uma falsa completude, que só será conquistada quando alcançar tal amor perpetuam as subjetivações do amor romântico.

O que busco evidenciar é que a história do livro, produzida artificialmente, reitera o discurso da natureza do amor romântico, da universalidade desse sentimento, o que contribui para o processo de subjetivação, já discutido e

evidenciado pela autora Swain (2016), de homens e mulheres que têm acesso à obra.

Ao problematizar essas questões, retomo a discussão acerca da reprodução do amor romântico pela cultura ocidental, na qual a “mulher”, no sentido estereotipado de um ser único, criticado e problematizado pelo feminismo, só se torna “completamente” feliz quando se enquadra nos padrões culturais estabelecidos, que são as representações hegemônicas de gênero e de amor, perspectivas que incluem outros dispositivos, tais como a família e a filiação. Em resumo, a vida de casal monogâmico.

O que quero dizer com isso? Na verdade a minha busca aqui é problematizar como determinadas mulheres ao se depararem com milhares de informações que as levam a um mesmo caminho, no caso o ideal de amor que é construído desde a infância, podem reproduzir essa forma de pensar e de se relacionar sem ao menos perceber que são reprodutoras dessas informações e construções artificiais?

Morin (1997) fala dos mimetismos criados a partir das histórias de filmes de romance, o que podemos ver no enredo dessa história. Esses discursos são potencialmente capazes de produzir efeitos de subjetivação normalizadores. No caso do livro, a história cria processos de identificação e produz um ideal do amor, o amor conquistado; o amor que emerge naturalmente na sensação dos amantes; e ainda, o amor que transforma a vida. A vida transformada, pois, é a adequação aos sistemas de normalização.

Podemos pensar novamente nos contos de fada, já que falamos que essas informações vêm desde a infância. Nestas as mulheres ficam a espera dos príncipes encantados desde muito novas. Eles aparecem de maneira fantástica e se casam com elas. Histórias construídas que fertilizam o solo da perfeição e da felicidade completa, investida unicamente no ideal de casal.

Mas, além disso, compreender que essa veiculação midiática de romances e histórias de amor que criam uma imagem estereotipada e que é mercantilizada se aproxima das discussões de Baudrillard (1995) sobre sociedade de consumo. O autor aprofunda a questão da sociedade de consumo e diz que não só consumimos objetos e sim nos objetificamos, mercantilizando as ideias relacionadas aos objetos, como nesse caso o amor. O amor torna-se mais uma das mercadorias ofertadas no amplo mercado de consumo, que é consumido e difundido.

No entanto, não se consome só a ideologia do amor, mas os estereótipos de gênero, pois o livro apresenta uma história de amor hierarquizado, no qual o homem, o personagem *Christian*, reforça o estereótipo masculino viril e legitima as justificativas de ciúme e controle. A figura feminina, representada pela personagem *Anastasia*, reifica a imagem das mulheres como frágeis, em busca do amor, da família e da estabilidade, e disposta à submissão.

A personagem ganhou o troféu de “salvadora”, mas o que isso quer dizer? Que o papel que ela assume na relação conseguiu transformar o objeto amado, com sua persistência e sofrimento. Na cena em que ela deixa *Christian*, no final do primeiro livro, pois não consegue lidar com o tratamento humilhante, ela se culpa, se martiriza por não ter conseguido suportar todo o sofrimento e mudá-lo. Contraditório é que o limite dela é que o modifica, ou seja, há uma dosagem entre submissão, tolerância e limite que são naturalizados e que cria a expectativa do amor. A dor, a separação, a falta, supostamente atrai os amantes e os enlaçam como casal. Ela ganha o amor de Cristian e Cristian abre mão dos impulsos. Sacrifício e dor parecem então ser aliados do amor.

Percebemos na cena:

(Pensamentos de Anastasia) “Estou totalmente sem jeito e envergonhada. Sou um fracasso absoluto **eu tinha esperado** conseguir trazer meu Cinquenta Tons para a luz, mas isso se tornou uma tarefa além das minhas habilidades. [...] **Merda – eu o deixei**. O único homem que já amei. O único homem com que já dormi [...] Lágrimas incontidas me escorrem pelo rosto.” (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 454, grifo meu).

Esse pensamento de *Anastasia* marca a atitude desta após romper com *Christian*, deflagrando um pensamento entre expectativa: “eu tinha esperado conseguir” e culpa: “merda – eu o deixei”, uma tensão assaz naturalizada entre os casais e que são vividas como experiências de amor. Mas após essa atitude, ela causa um “choque” em *Christian*, que percebe então que ela é mais importante que todas as suas características e desejos. A ficção reflete como um espelho no corpo social, pois reproduz a imagem de um ideal de amor que passa pela normalização da dor e do sacrifício, contribuindo para a ideia de que o amor tudo salva. Nesse projeto de salvação pelo amor, até a relação abusiva morre, mas não sem muito investimento e persistência da mulher.

Nesse jogo discursivo não se pode descartar a mercantilização do amor, um amor como objeto, vivido como uma mercadoria diante da exposição de inúmeros bens materiais prontos para serem consumidos, ou seja, o amor se torna mais um signo, como o autor Baudrillard (1995, p. 79) descreve ao falar que “a sociedade de consumo não se baseia em derradeira instância na necessidade e no prazer, mas num código de signos”. O amor como signo não é uma mercadoria material, mas simbólica, pois está inscrito numa série de significações que forjam a ideia de casal, de família, de sentimento fundamental para a experiência humana, de felicidade, entre outros.

Esse amor como signo configura um objeto de consumo que tem sido cada vez mais comercializado, *esteriotipadamente* através da reiteração das performances de gênero, modelizados socialmente. Baudrillard (1995) afirma que esse processo de retificação se configura como os “heróis do consumo” (p. 209), que na verdade caracterizam a simbologia e a imitação. O autor fala da imitação do signo, que é público, ou seja, quando pensamos em personagens de uma história famosa como essa, os personagens *Anastasia* e *Christian* se tornam os modelos que serão imitados. O romance, então, contribui para a modelização das relações amorosas.

Nessas significações e modelizações a transformação dos personagens por conta do amor e, principalmente a do personagem masculino, se faz pela função da mulher que o ama “verdadeiramente”, não se interessando pelos seus bens, pelos seus dotes, mas pela sua intimidade. Uma mulher que luta e suporta a relação abusiva de forma heroica, salvando-o do vício (sadismo) e do pecado (impulsos sexuais), e em última instância, salvando-o do mal que atormenta sua alma.

O amor que *Anastasia* sente por *Christian* modifica a relação de sofrimento e a transforma no desfecho de uma história de conto de fadas, de um suposto amor puro. Dessa forma podemos pensar os personagens no papel de “heróis do consumo”, como modelos de conduta e atitude, além da forma mercantilizada de amor e a maneiras de agir do feminino e do masculino diante desse amor signo.

A metáfora do amor também sucumbe ao dinheiro, pois mesmo sendo milionário, *Christian* é infeliz e refém dos seus sintomas psicológicos, refém dos traumas de infância. E ao permitir-se ao amor, abre-se para a possibilidade de sentir o que se vive na norma, no cotidiano, e, ironicamente, vira príncipe, um homem casado e pai de família. A fórmula do amor refletida num modelo de casal.

Evidencio, ainda, que durante a leitura dos três livros, o personagem *Christian* inicia a história como um homem duro, que não permite mulher alguma tocá-lo; além de construir padrões de relacionamento mediados pela obediência e punição quando não se sente agrado. E que ao se relacionar com *Anastásia* conhece o amor e passa a modificar os papéis adequando-se aos que são esperados socialmente, assumindo-a como namorada, e logo depois casando-se com ela.

Dessa forma, percebemos a modelização dos personagens como padrões a serem seguidos e que são mercantilizados, conforme demonstrado com auxílio de Baudrillard (1995) sobre a sociedade de consumo. Todas essas maneiras de amor mercantilizadas se tornam parte do campo de consumo, por se tornarem o modelo a ser reproduzido. O autor afirma: “o campo do consumo é [...] um campo social estruturado em que bens e as próprias necessidades, como também diversos indícios de cultura, transitam de um grupo modelo e de uma elite diretora para outras categorias sociais” (BAUDRILLARD, 1995, p. 61).

Trata-se, pois, de uma típica criação de modelos de conduta a serem consumidos e reproduzidos, que juntamente com um ideal de mudança do outro, que ocorre em função do amor, possibilita a imitação. Na realidade, quando analisada fora do contexto ideal de histórias de romance, esses papéis e estereótipos, em sua grande maioria, para não dizer todos, não se sustentam, causando grande sofrimento às mulheres e contribuindo para a manutenção de relações abusivas e violentas, que será apresentado a seguir.

4.4 - ESTEREÓTIPOS E PAPEIS SOCIALMENTE CONSTRUÍDOS

Percebemos na construção da narrativa da história os papéis sociais desempenhados na relação entre os personagens *Anastasia* e *Christian*, na qual a mulher é objetificada e assume a posição de propriedade do homem. Percebemos esse contexto, por exemplo, na cena:

Anastasia: Como vai o, hã... problema que trouxe você a Seattle? –
 Pergunto hesitante. Ele fecha a cara.[...]
 Christian: Fora de controle [...] Mas nada com que você tenha que se preocupar, Anastasia. Tenho planos pra você essa noite [...] **Quero você pronta me esperando no quarto de jogos em quinze minutos [...]**

Anastasia (pensamento): **Ajoelhada ao lado da porta, estou só de calcinha. Apavorada. [...] O que ele vai fazer? [...]**
 Christian: Você é uma mulher linda, Anastasia. **E é toda minha [...]**
 (Cinquenta Tons de Cinza, 2012, p. 429 - 430).

Cria-se então uma imagem de controle de *Christian* sobre *Anastasia*. Cena que supostamente desperta motivação sexual (tesão) na vítima. A ideia do controle, utilizada pelo narrador, passa pela expectativa de dominação do outro e desperta interesse sexual. Mas será que essa expectativa é natural? A proposta do presente trabalho é afirmar que não, que ela é construída, criada socialmente e difundida pelos meios de comunicação, sejam livros, filmes, televisão, etc.

Swain (2016) demonstra como o pensamento heterossexual cria realidades e como este viabiliza a repetição dessa realidade modulada, e acaba por se constituir como fundadora do humano. Da mesma forma podemos associar a narrativa da trilogia como formas de pensamento sobre gênero e afeto que criam realidades e estas, por sua vez, ao serem repetidas, criam supostas necessidades ao humano.

O que isso tem a ver com a discussão que evoco aqui? Meus argumentos se apoiam no que a autora Swain (2016), citada acima, evidencia sobre os papéis socialmente construídos que advêm de pensamentos históricos e que são reproduzidos em diversas áreas. Neste caso, nessa história, percebemos que existe essa reprodução dos papéis dados a cada uma das personagens. Esses papéis sociais são ao mesmo tempo reproduções e naturalizações que a autora acabou imprimindo nas personagens, mas, por outro lado, são ainda mais uma forma de naturalização através da subjetivação feminina das mulheres que leem essa história.

Minha discussão, ainda, se baseia no sucesso conferido aos livros, sendo o primeiro lançado em 2011 e as manifestações de centenas de mulheres nos veículos midiáticos² que trataram a história como uma libertação feminina de suas vidas sexuais após a leitura do livro. Além de reforçar os estereótipos de beleza feminina.

² Evidencio aqui um exemplo dessas manifestações midiáticas na notícia: "Todos os tons do erotismo: Um dos filmes mais aguardados do ano, "Cinquenta Tons de Cinza", adaptação para o cinema do maior fenômeno literário recente, deve impulsionar o debate sobre a liberação sexual feminina e apimentar a vida de muitos casais. A enfermeira Lissandra Borba da Cunha, 43 anos, recebeu a indicação de uma amiga e ficou curiosa [...] a fez perder 20 quilos. 'O livro despertou essa virada. Ao mesmo tempo que comecei a cuidar mais de mim, do meu corpo, passei a me sentir mais atraente e desejada' [...]" Fonte: http://istoe.com.br/402292_TODOS+OS+TONS+DO+EROTISMO/

A história repete o que já se reproduz no cotidiano, a busca de um homem rico, bonito e cuidadoso, que manifesta no comportamento de controle uma expressão do seu amor. O controle masculino e a submissão feminina só se fortalecem no discurso amoroso da trilogia.

Por outro lado, reproduz o ideal de mulher “para casar”, uma imagem feminina suficientemente forte ao ponto de adequar os comportamentos aventureiros e viris do homem amado.

4.5 - A METÁFORA DO CONTRATO E DA SUBMISSÃO

A história mostra um contrato sexual que é elaborado pelo personagem *Christian*. Esse contrato vai além dos quesitos sexuais; é um contrato que define comportamentos, forma de se vestir, lugares a frequentar, horários a serem cumpridas, formas de alimentação e atividades físicas a serem realizadas, além da submissão à obediência. Casos de descumprimento, desobediência, acarretam em punição à personagem *Anastasia*.

A história cria uma metáfora, e quando digo metáfora me refiro a metaforização do contrato de obediência e submissão feminina que são estabelecidas nas relações, mesmo sem necessariamente existir um contrato físico assinado. O que busco explicitar é que as formas de relacionamento constituídas pela cultura ocidental, na quais as mulheres se submetem às regras masculinizantes, os contratos metafóricos são firmados todos os dias. Isto é, há um acordo tácito que permeia as relações conjugais heteronormativas.

No contrato da história do livro, que nunca é assinado (o que não impede a personagem *Anastasia* de segui-lo e agir em grande parte da história de acordo com o que ele especifica), existe uma demonstração das maneiras pelas quais o poder é delegado ao homem a partir do contrato do casamento, problematizado por Del Priori (2007), e do amor romântico, que foram pré-estabelecidos e construídos pela religião e pela cultura patriarcal ocidental.

Isso demonstra que se elaboraram contratos velados através de mensagens subliminares e ensinamentos que são passados por gerações, assim como pela literatura romântica, e daí surge então o questionamento se estes não estariam contribuindo, assim, para a subjetivação de mulheres que podem conceber essa forma submissa de se relacionar como sendo amor.

Essa hipótese acima descrita está apoiada nas contribuições já mencionadas anteriormente de Morin (1997) que fala da construção do amor na cinematurgia. Ao explicar sobre a literatura e a subjetivação feminina percebemos, segundo o autor, que o cinema veste um papel de criação de uma imagem reflexiva do amor romântico cultural, criam-se os personagens heróis que são imitados, o que quer dizer que,

“assim se dá o circuito entre o filme e a vida, entre o imaginário e o real: a necessidade de amor experimentada no decorrer da vida encontra no filme seus modelos, seus guias, seus exemplos; estes passam a aparecer na vida e dão forma ao amor” (MORIN, 1997, p.136-137).

O enredo da série “Cinquenta tons de Cinza” funciona como proliferação dos discursos hegemônicos, alcançando milhares de homens e mulheres do globo terrestre, o que contribui para codificar padrões de relacionamentos amorosos, principalmente quando pensamos nas produções literárias e científicas que foram sendo construídas durante a história.

Remeto-me novamente ao conhecimento que trouxe anteriormente sobre o que Rago (1998) discute, mostrando a influência dessas produções na subjetivação feminina, além da própria construção do feminino.

O controle do objeto amado passa a ser interpretado como manifestação de amor, expressado em cenas de ciúme, vigilância contumaz, punições, etc. que segundo Del Priore (2007), afirma e reforça a existência da padronização do amor e do matrimônio como produtos da cultura ocidental, além da construção da monogamia e das relações de submissão da mulher em relação ao homem.

Os personagens se enquadram em papéis hierárquicos que se ligam a essa metaforização contratual. *Christian* é legitimado na função de virilidade, provedor, cuidador, ditador de regras e punidor. *Anastasia*, por sua vez, se enquadra na inferioridade feminina hierarquizada, obediente, frágil e dependente de um amor que a salve do tédio.

Retorno ao que Esteban (2008) traz sobre a visão do amor difundido de forma estereotipada e comum nas músicas, novelas e filmes. Cria-se a naturalização de um amor personificado na relação heteronormativa, imagem idealizada entre homem e mulher, e que se enquadra novamente no que discutimos sobre o estereótipo de completude e felicidade.

O casamento, o subjugar-se e submeter-se da mulher em relação ao homem se aproxima da forma como esses contratos sexuais e de servidão feminina são subentendidos como amor. Há uma idealização construída com influências da produção científica e literária e que trabalha na naturalização nestas formas estereotipadas de relacionar-se.

Essa construção cultural de gênero e seus papéis, como vimos anteriormente, são fortes aliados para que essa naturalização ocorra de forma suficientemente sofisticada, a ponto de, ao assistirmos um filme de romance ou lermos livros como este que aqui analiso, concebamos tais contextos como modelo de relações amorosas.

4.6 - VIOLÊNCIA E OPRESSÃO DE GÊNERO

Partindo então em busca do aprofundamento do problema da idealização do amor, dos estereótipos de gênero e da naturalização dos papéis de gênero, analisamos se não teria, pois, uma relação entre essas modulações e a violência e opressão de gênero.

Scott (1995) fala da construção de gênero, e em como essa questão exerce influência nesse poder do homem sobre a mulher. Dessa forma, a autora discorre sobre gênero como sendo um elemento que faz parte das relações sociais e que se constrói através das diferenças existentes e percebidas entre os sexos, mas fala principalmente sobre como o gênero é a principal forma de significar as relações de poder entre os sexos, o que possibilita as construções sociais de papéis que são inventados e impostos.

E o que então essa história do livro, do amor construído na dor e na promessa de salvação, tem a ver com a violência e opressão de gênero? Retomando aos quatro elementos constitutivos discutidos por Scott (1995), começarei analisando pela ótica do primeiro, que é nomeado pelos “símbolos culturalmente disponíveis”.

As personagens da história do livro analisado se transformam em símbolos que representam a relação amorosa, contribuindo para difusão da ideia de que o amor é naturalmente doloroso, mas que o sacrifício é capaz de transformar os amantes. Essa representação é marcada pelo homem controlador, mas que se

transforma; e pela mulher submissa, mas que ao mesmo tempo é heroína e salvadora deste homem, que está supostamente enredado pela sua história de vida. Esses papéis se tornam símbolos a serem imitados e reproduzidos, além de contribuírem para a internalização desta forma de relacionamento como o “verdadeiro amor”. As relações abusivas são naturalizadas, o que faz com que as violências psicológicas e físicas sejam suportáveis, pois o sacrifício supostamente antecede o amor.

Seguimos então ao que ela denomina de “conceitos normativos”. Existe na história dos livros a reiteração dos padrões de relacionamento heteronormativo e monogâmico. Será que essa trilogia teria o mesmo sucesso se retratasse um casal homossexual? Será que a história disfuncional do personagem não seria interpretada de outro modo?

A naturalização do casal heteronormativo coincide com o padrão cultural hegemônico, e ainda, reafirma o amor cristão. Este último prevê o sacrifício em nome do amor. Sacrificar os impulsos é necessário para se alcançar a família; e cabe às mulheres o atributo da dor, mais especificamente de suporte e gestão da dor em nome dos filhos e do marido.

O terceiro elemento apontado por Scott (1995) é o de “fixidade”, que dita um padrão relacional a ser seguido. No caso da história analisada percebemos uma tentativa de “revolucionar” a sexualidade feminina, permitindo falar sobre ela, mas que ao mesmo tempo permanece na fixidade de submissão da mulher em relação ao homem.

Na história ainda existem padrões fixos de comportamento que são “solicitados” para serem cumpridos pela personagem feminina e que são tão naturais que passam despercebidos por nós, pois são camuflados por imagens idealizadas pelo amor que ela sente. A posição de objetificação e submissão também perfila a relação de poder. Novamente vemos um padrão de hierarquização que contribui para a manutenção da violência e opressão de gênero.

O último elemento, o da “identidade subjetiva”, nos mostra como as mulheres acabam internalizando os padrões hegemônicos de gênero e do ideal do amor, uma vez que as narrativas criam práticas sociais, pois são discursos já circulantes na cultura ocidental. Os livros não apresentam nada de extraordinário, nada fora dos padrões, mas reiteram o que as mulheres e os homens aprenderam desde cedo, as relações diferenciadas de poder.

Esse poder é legitimado pelo corpo social, e contribui para a naturalização das violências psicológicas, físicas, sexuais, morais, etc., nas relações conjugais/amorosas.

Além disso, existem as formas de justificar toda a opressão e violência de gênero com base na história familiar, como, por exemplo, na história do personagem *Christian*, compreendida como disfuncional. Logo, um ambiente propício para produzir traumas e gerar sintomas psicológicos relacionados ao afeto e à capacidade de se relacionar. *Christian* era filho de uma prostituta, assistiu e sofreu abusos do cafetão, foi abusado por uma mulher sádica (tal como a mãe foi sádica com ele) e não tinha família natural (foi adotado), o que irremediavelmente interferiu no seu funcionamento psicológico e social. A centralidade dada à história da família justifica o comportamento do personagem *Christian* e ofusca a história social e cultural do capitalismo, do machismo, do racismo, do classicismo, etc. Essas formas de olhar para o personagem tornam justificáveis todas as opressões e violências que ele realiza com a personagem durante a história, pois camuflam a intencionalidade e o colocam num lugar de vítima familiar.

A personagem *Anastásia* sofre opressão do personagem *Christian* durante a história, mas não reconhece tais agressões como tal, mas sim como parte da proteção e do amor que a personagem sente por ela. Nessa história, a personagem fica o tempo todo sobre a “proteção” do personagem, pois ele a “salva” de todos os perigos e problemas que surgem no caminho, tomando o lugar estereotipado do homem protetor e da mulher indefesa.

Há ainda como identificar algumas cenas abusivas em que o personagem rastreia o celular da personagem; proíbe *Anastasia* de sair; a mantém sobre vigilância dos seguranças; não a deixa dirigir; compra a empresa onde ela trabalha para poder controlar o que acontece com ela e, além dessas, existem as punições físicas: ele lhe dá tapas na bunda ou chicotadas quando ela “desobedece”. Um perfeito cenário de infantilização das mulheres.

Essas afirmações nos remetem, e se apoiam, a elucidação que Lauretis (1987) evoca sobre “o sujeito do feminino”, um feminino que, segundo ela, se apresenta como uma representação social, em que mulheres são vistas como sujeitos sociais totalmente atravessados pela tecnologia do gênero “efetivamente ‘engendrados’ nas relações sociais”. Ou seja, mulheres engessadas e reprodutoras do meio social que lhes foi subjetivando.

A opressão e a dominação são tão presentes socialmente que nós – mulheres - nem mesmo as concebemos como tal. Apfelbaum (2009) diz que essa dominação está ligada a identidade pessoal e a subjetividade, e estas são influenciadas todo o tempo pela relação de dominação e de gênero. Existe uma falsa concepção de que o eixo de dominação e subordinação pode ser invertido, mas quando existe o atravessamento do gênero, a mulher não existe no papel inverso, pois existe uma hierarquia construída culturalmente.

Então, a análise que evoco aqui, ainda apoiada pela autora, e que critica essa trilogia nos evidencia que a narrativa legitima os estereótipos de gênero e reitera a narrativa do amor idealizado, difundido ou reforçando os mitos já conhecidos na cultura ocidental: de que o amor é natural e espontâneo, universal, doloroso e transformador. A ausência dessa perspectiva crítica contribui para os moralismos correntes, como o de justificar o comportamento controlador dos homens, o de infantilizar as mulheres, ou até mesmo o de justificar uma agressão de gênero. Isso se dá por não haver uma visão crítica da dominação como opressão e violência culturalmente difundidas e aceitas socialmente.

A mulher em situação de violência não percebe muitas vezes essa opressão como violência, pois a construção de sua subjetividade a levou a reconhecer tais formas como amor, como discute Mayorga (2014, apud FREIRE, 1970), ao falar da interiorização dos valores, ideias, interesses e desejos do opressor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas durante este trabalho permitiram a construção de reflexões importantes sobre a temática, de forma que se tornou possível compreender a estrutura da violência de gênero e a forma pela qual ela está instituída e legitimada em nossa cultura. O estudo da sociedade patriarcal e do capitalismo são fundamentais nesse processo, pois evidenciam o efeito da história nos processos de subjetivação. O machismo, o sexismo e o consumo são efeitos históricos, e que, quando não lidos criticamente, reforçam os estereótipos e contribuem para sofisticados processos de alienação, seja no âmbito afetivo, financeiro ou social.

É nesse jogo de omissão da história que os papéis de submissão e dominação se reproduzem, constituindo impérios de gênero subjetivos, como demonstrado ao longo do trabalho. Se por um lado é esperado o papel de submissão das mulheres, inclusive naturalizando a violência de gênero, por outro, reafirma-se o papel masculino da virilidade e guardião da segurança.

A trilogia, amplamente difundida e muito apreciada pelas leitoras, provoca interesse acadêmico, pois como pode uma história atravessada pelo sadismo, controle e manipulação despertar tamanho interesse da população feminina? O argumento trilhado no trabalho foi o de demonstrar a relação entre os estereótipos de gênero e a idealização do amor romântico, elementos que dão o tempero fundamental para o sucesso dos livros, pois as pessoas que leem se enxergam na história, projetando suas próprias desilusões, suas próprias dores e, sobretudo, idealizando um final feliz. Um final feliz ao lado de um homem milionário, o príncipe contemporâneo em tempos do capitalismo.

Na trilogia analisada observa-se a contribuição da naturalização da violência e a perpetuação dos papéis de homem e de mulher através de uma construção do ideal de amor romântico, que triunfa ao final e naturaliza o lugar das mulheres como fundamentais nessa relação, na qual exercem o papel de salvadora.

Conclui-se que, por ser naturalizada a condição de submissão das mulheres, que precisam viver um grande amor a qualquer custo para se sentirem completas, é comum que as mesmas não percebam a violência e a opressão de gênero. O ofuscamento da opressão faz valer à mítica de que a dor é necessária para se alcançar a promessa de felicidade, da tão sonhada união do casal. Seria, pois, a

função do feminino curar os homens de seus vícios e sintomas? Afirmar que sim seria por demais pretencioso, mas essa questão merece destaque.

É bastante comum que as leitoras encontrem no enredo ressonância com suas próprias vidas ou com seus ideais de relacionamento. Pois mesmo com a emancipação econômica das mulheres, as famílias costumam difundir a ideia de que um bom marido é aquele que provê a casa e uma boa esposa é aquela que se sacrifica pelo marido e pelos filhos, tolerando tudo e mantendo-os felizes e satisfeitos.

É possível evidenciar na série de livros *Cinquenta Tons de Cinza*, que ocorre a naturalização da violência de gênero, maquiada e camuflada pelos argumentos expostos.

O feminismo, mesmo ainda não sendo entendido da maneira correta por uma grande parcela da população, pois há um jogo moral que o desqualifica, demonstra sua validade teórica e epistemológica, como apresentado em Margareth Rago, que contribui para o desenvolvimento das ciências humanas. Entender o problema da violência de gênero não se reduz em decifrar os aspectos individuais, mas, principalmente, o de analisar o percurso e os efeitos da história na nossa forma de pensar, sentir e agir, ou seja, nos processos de subjetivação. Estudar uma trilogia que afetou grande parte do mundo ocidental é analisar, em último caso, o desejo, isto é, compreender as causas das nossas afecções.

A forma de criar, educar e orientar meninos e meninas tem sido mantida, e raramente encontramos pessoas com disposição para criticar a naturalização da violência de gênero e sua relação com o ideal de amor.

Assim, compreende-se que em cada época, em cada fase da história da humanidade, a relação amorosa ganha contornos diferentes, ora permitindo aos homens a vida extraconjugal e até a aceitação de um casamento que é pago pelo dote, ora obrigando-o a um casamento monogâmico, pautado pelo papel de provedor, pai e marido afetuoso e desvelado, mesmo que para tudo isso acontecer, o papel feminino esteja sempre pautado hierarquicamente na escala inferior.

Por fim, pode-se afirmar que os atravessamentos pautados na normatização de relações brancas, heterossexuais, monogâmicas e hierarquizadas são modelizadas e idealizadas e tais concepções não estão isentas na ciência ou na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APFELBAUM, E. Dominação. *In*: HIRATA, H. et al. **Dicionário crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, pg 78-82. 2009

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

DE LAURETIS, T. Tecnologia do Gênero, **Essays on Theory, Film and Fiction, Bloomington/Indiana** : Universidade de Indiana. 1987. Disponível em: <<http://marcoareliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>> Acessado em: 17 de nov de 2016.

DEL PRIORE, M. Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno. **Estudos de Religião**, Ano XXI, n. 33, 121-135, 2007.

ENRIQUEZ, E. Instituição, poder e desconhecimento. *In*: ARAÚJO, J. N. G. de e CARRETEIRO, T.C. (Orgs), **Cenários Sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta, pg 49-74. 2001

ESTEBAN, M. L. El amor romántico dentro y fuera de occidente: determinismos, paradojas y visiones alternativas. *In*: NAVAZ, L. S.; DÍAZ, E. M.; CASTILLO, R. A. H. **Feminismos em la antropología: nuevas propuestas críticas**. Ankulegi, España, pg 157-172. 2008. Disponível em: <<http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/antropologia/11/06/06157172.pdf>> Acessado em: 17 de set de 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa. Série Educação a Distância**. Editora UFRGS, 2009.

KRONBAUER, J, F, D; MENEGHEL, S, N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 5, p. 695-701, São Paulo 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000500001> Acessado em: 20 de abr de 2016.

MAYORGA, C. Algumas contribuições do feminismo à psicologia comunitária. **Athenea Digital**, v. 14, p. 221-236, Mar. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53730481010>> Acessado em: 12 de out de 2016.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. *Psicologia Social*, v. 15, n. 2, p. 43-64, Porto Alegre, Dec. 2003 .

PACHECO, A. C. L. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras — um diálogo com o tema*. *Afro-Ásia*, v.34, p. 153-188. 2006.

PEREIRA, O. P. **Saúde mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas**. Júndiaí: Paco Editorial, 2015.

PRETTO, Z. et al. Um olhar sobre o Amor no Ocidente. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, p. 395-403, Maringá, abr./jun. 2009

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998. Disponível em: <http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf> Acessado: 20 de set de 2016.

RUEDELL, A. Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher. *Nat. hum.* v.14 n.2. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200001> Acessado: 10 de abr de 2016

SANTOS, C. M.; W.P. IZUMINO. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**, Vol. 16 – No 1, 2005.

SAAVEDRA, L. Psicologia Feminista em Portugal: dificuldades de conquistas. *In: Investigaciones actuales de las mujeres y del género*. Universidade Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010.

SCOTT, J. W. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n 2,, Porto Alegre, p. 71-99, 1995. Disponível em: <
https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acessado em: 12 de abr de 2016.

SWAIN, T. N. **Corpos construídos, superfícies de significação, processos de subjetivação**. Universidade de Brasília, 2016 p. 1-12. Disponível em: <
http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-corpos_construidos.pdf > Acessado em: 18 de nov de 2016.